

### O ESTRANGEIRO NAS DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS: REFUGIADOS DA VIOLÊNCIA E IMIGRANTES ECONÔMICOS

*The Foreigner in Contemporary Diasporas: Refugees from Violence and Economic Immigrants*

*El Extranjero en las Diásporas Contemporáneas: Refugiados de la Violencia e Inmigrantes Económicos*

*L'étranger dans les Diasporas Contemporaines : Des Réfugiés de la Violence et des Immigrants Économiques*

10.5020/23590777.rs.v22i2.e12283

---

#### **Nathália Santos Franqueiro**

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

#### **Cintia Rodrigues de Oliveira**

Doutora em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/ FGV). Professora Associada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

#### **Rodrigo Miranda**

Doutor em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/ FGV). Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

---

#### **Resumo**

O objetivo deste artigo é analisar as experiências de imigrantes e refugiados na cidade de Uberlândia, enquanto fenômeno diaspórico. A pesquisa é orientada pela abordagem qualitativa e utiliza de entrevistas semiestruturadas com imigrantes e refugiados, as quais foram analisadas pela técnica de análise de narrativas. A pesquisa aborda a exploração sofrida por *outsiders* advinda de estabelecidos, especialmente no contexto do trabalho, caracterizando uma relação de poder e colonialidade no âmbito organizacional. Os resultados são agrupados em três narrativas: a) a vida na terra da gente; b) diáspora contemporânea – o viver na terra dos outros; c) a diáspora contemporânea – trabalhar na terra dos outros. A pesquisa contribui com os estudos sobre as relações de poder no âmbito do trabalho, ampliando as discussões sobre crise migratória e a relação de opressão e hostilidade existente entre estabelecidos e *outsiders*.

**Palavras-chave:** diáspora; refugiados; imigrantes econômicos.

#### **Abstract**

*The article's objective is to analyze the experiences of immigrants and refugees in the city of Uberlândia as a diasporic phenomenon. The research is guided by a qualitative approach and uses semi-structured interviews with immigrants and refugees, which were analyzed using the narrative analysis technique. The research addresses the exploitation outsiders suffered from established people, especially in the work context, characterizing a relationship of power and coloniality in the organizational scope. The results are grouped into three narratives: a) life in our land; b) contemporary diaspora – living in the land of others; c) the contemporary diaspora – working in the land of others. The research contributes to studies on power relations in the field of work, expanding discussions on the migratory crisis and the relationship of oppression and hostility between established and outsiders.*

---

**Keywords:** *diaspora; refugees; economic immigrants.*

### **Resumen**

*El objetivo de este artículo es analizar las experiencias de inmigrantes y refugiados en la ciudad de Uberlândia, mientras fenómeno diaspórico. La investigación es orientada por el enfoque cualitativo y utiliza entrevistas semiestructuradas con inmigrantes y refugiados, las cuales fueron analizadas por la técnica de análisis de narrativas. La investigación enfoca la explotación sufrida por outsiders proveniente de establecidos, especialmente en el contexto del trabajo, caracterizando una relación de poder y colonialidad en el ámbito organizacional. Los resultados son agrupados en tres narrativas: a) la vida en nuestra tierra; b) diáspora contemporánea – el vivir en la tierra de otros. c) la diáspora contemporánea – trabajar en la tierra de otros. La investigación contribuye con estudios sobre las relaciones de poder en el ámbito del trabajo, ampliando las discusiones sobre crisis migratoria y la relación de opresión y hostilidad existente entre establecidos y outsiders.*

**Palabras clave:** *diáspora; refugiados; inmigrantes económicos.*

### **Resumé**

*L'objectif de cet article est d'analyser les expériences des immigrants et des réfugiés dans la ville de Uberlândia, en tant que phénomène diasporique. La recherche est guidée par une approche qualitative et utilise des entretiens semi-structurés avec des immigrants et des réfugiés, qui ont été analysés à l'aide de la technique d'analyse narrative. La recherche concerne l'exploitation subie par des outsiders de la part des personnes établies, en particulier dans le cadre du travail, caractérisant une relation de pouvoir et de colonialité dans le contexte organisationnel. Les résultats sont regroupés en trois récits : a) la vie sur notre terre ; b) la diaspora contemporaine – la vie sur la terre des autres ; c) la diaspora contemporaine – le travail sur la terre des autres. La recherche contribue aux études sur les relations de pouvoir dans le domaine du travail, élargissant les discussions sur la crise migratoire et la relation d'oppression et d'hostilité qui existe entre des établis et des outsiders.*

**Mots-clés :** *diaspora ; réfugiés ; immigrants économiques.*

---

O contexto histórico está permeado por diversos e distintos movimentos migratórios, e essa intensa movimentação contemporânea sempre aconteceu, seja pela migração de pessoas, seja pelo aumento da movimentação de mercadorias, informações, serviços e capitais, intensificando a diversidade e complexidade do mundo (Freitas & Dantas, 2011). Hall (2003) observa que as sociedades não são “puras”, pois são resultado de uma fusão de povos e elementos culturais distintos, advindos das diásporas. O termo diáspora, de forma geral e, no sentido utilizado nesta pesquisa, se refere à dispersão, deslocamento, espalhamento de povos, palavra que está associada à migração e colonização (Hall, 2003; Pereira, 2016), abrangendo fluxos migratórios de diferentes tipos.

Ainda que seja uma distinção socialmente construída, a diferença entre refugiados e imigrantes considerada nesta pesquisa é aquela dada por Freitas e Dantas (2011), em que refugiado é alguém que se vê obrigado a deixar seu país, sem possibilidade de retorno; e o imigrante é aquele que escolhe mudar de território, sem impedimento para retornar ao seu país de origem, mesmo que, muitas vezes, essa escolha ocorra por forças além do simples desejo de mudar.

Sobre a intensa movimentação de pessoas, Bauman (2017) argumenta que é alto o fluxo de refugiados que abandonam seus lares em busca de asilo em “campos de matança”, ou de imigrantes que se veem motivados a sair de seus países, onde não possuem perspectivas de melhoria das condições de vida, em busca de sonhos em local abundante de oportunidades. A denominada “crise migratória” gera, então, um “pânico moral”, um sentimento de medo descomunal de que algo possa perturbar a ordem da sociedade (Bauman, 2017).

No Brasil, o número de estrangeiros que chegam em busca de refúgio mais que dobrou entre os anos de 2016, quando se registraram 10.308 solicitações de refúgio, e 2017, quando esse número chegou a 33.866 (Franco, 2018). Essas pessoas enfrentam uma longa lista de espera até que tenham seus pedidos analisados e aprovados ou negados. No entanto, até que isso aconteça, os direitos básicos, como acesso à saúde, educação e carteira de trabalho nem sempre são garantidos (Franco, 2018).

A nova Lei da Imigração de 2017 representa o marco legal que regula a entrada de refugiados e imigrantes no território brasileiro (Silva, 2017). O Estatuto do Estrangeiro anterior datava da década de 1980 e já era considerado retrógrado. Era uma lei que foi publicada e se fazia vigente desde o regime ditatorial e, por esse motivo, foi considerada defasada historicamente, além de insuficiente para garantir o respeito aos direitos humanos, já que antecedia a Constituição Federal de 1988.

Embora a nova Lei de Migração represente um avanço legislativo e corrija problemas advindos do antigo Estatuto, pois prevê a proteção e garantia dos direitos elementares de imigrantes, ainda assim, sua mera publicação não garante sua operacionalidade. Existem muitas situações às quais pessoas em vulnerabilidade não possuem suas vozes ouvidas e nem seus direitos atendidos (Silva, 2017).

Com o intuito de investigar pesquisas anteriores que tratassem sobre a temática aqui proposta, foram averiguados, em cinco bases diferentes, a saber: Scopus, Web of Science, Scielo, Spell e SAGE publishing. Estudos que utilizassem as palavras-chave: refugiados e imigrantes, entre os anos de 2000 a 2019. Observou-se uma ausência de trabalhos no âmbito da administração. Devido à natureza multidisciplinar do tema, a maior parte das pesquisas realizadas advém das áreas da saúde, direito e ciências sociais.

Dentre os trabalhos encontrados, dois deles, por exemplo, analisaram leis que não favorecem refugiados ou imigrantes em situação de vulnerabilidade e que buscam por asilo, demonstrando o poder que países do Norte possuem na decisão sobre aceitar ou recusar pessoas em situação de calamidade, com base unicamente nos interesses da nação (Juss, 2013, 2015). Outra pesquisa encontrada se preocupou em analisar as narrativas de imigrantes de um país africano que optaram por buscar uma nova oportunidade de vida em um país europeu, evidenciando, pelas falas, que essas pessoas se sentiram hostilizadas e rotuladas como estranhas, por nativos locais (Loftsdóttir, 2019).

Outros artigos, porém, se preocuparam em compreender as narrativas de pessoas advindas de países colonizadores. Os trabalhos de Armbruster (2008) e Rogaly e Taylor (2010), por exemplo, buscaram conhecer a narrativa de entrevistados provenientes de países europeus, as falas corroboraram o fato de que essas pessoas se sentem superiores em relação às nações colonizadas por eles, além de evidenciar o desprezo que sentem por pessoas desses países. Não foram encontrados, no entanto, trabalhos que buscassem compreender, por uma perspectiva crítica, as relações vivenciadas por imigrantes e refugiados no âmbito do trabalho, o que faz com que este estudo contribua com a lacuna teórica encontrada.

Em face do exposto, nos orientamos nesta pesquisa pela seguinte questão: De que modo as experiências construídas por imigrantes e refugiados podem ser compreendidas enquanto fenômeno da diáspora? Assim sendo, o que se pretende com a pesquisa é analisar as experiências de imigrantes e refugiados na cidade de Uberlândia, enquanto um fenômeno diaspórico. A escolha pela cidade como espaço de pesquisa se deve ao fato de que Uberlândia é considerada a terceira cidade de Minas Gerais com maior número de refugiados, ficando atrás apenas de Belo Horizonte e Contagem, de acordo com dados do Governo de Minas e da Polícia Federal (Dalmônica, 2018). A pesquisa foi conduzida nos pressupostos da abordagem qualitativa, com material empírico gerado por entrevistas com imigrantes e refugiados.

Esta pesquisa visa contribuir teoricamente com os estudos sobre relações de poder e, particularmente, os estudos organizacionais, especialmente, o campo dos *estudos críticos em administração*, que se direciona a questionar as práticas organizacionais e descaracterizar aquilo que é tido como certo e imutável e que, no entanto, acarreta problemas sociais (Parker, 2004). Este estudo também pretende contribuir, especificamente, no que se refere à teorização do fenômeno da diáspora, em que refugiados e imigrantes, enquanto grupos, tornam-se o estrangeiro construído para se conformar na mão de obra barata de um país, revelando a assimetria das relações sociais.

## **Perspectivas sobre o Estrangeiro: Lentes Teóricas para a Compreensão da Diáspora**

O fenômeno da globalização não significa igualdade global. As consequências são trágicas, especialmente para os países periféricos, que sofrem com o aumento da desigualdade, pois os ricos enriquecem cada vez mais e os pobres possuem suas vidas desconsideradas, em meio ao “desenvolvimento” de uma sociedade em que o “global” é exaltado e o “local” é desprezado e colocado em posição de submissão (Banerjee & Linstead, 2001; Santos, 2001). Junto à ideia de globalização e transformações políticas e econômicas num cenário global, que privilegia uns em decorrência do prejuízo de outros, estão as diásporas. Ainda que os movimentos diaspóricos aconteçam de forma recorrente, novas configurações emergem no contexto contemporâneo, sem que o contexto histórico possa ser desconsiderado para compreensão do fenômeno (Cláudio, 2009).

O conceito clássico de diáspora se dá pela ideia de dispersão em massa de povos, por meio do deslocamento forçado ou incentivado. O povo judeu é um exemplo de grupo diaspórico, assim como suas fugas forçadas em decorrência do holocausto (Cláudio, 2009; Hall, 2003; Reis, 2004). Os movimentos migratórios forçados de judeus pelo mundo e dos negros no período escravocrata são exemplos de dispersão forçada de povos e importantes para a contextualização histórica, além de fornecerem melhor compreensão ao conceito clássico da diáspora (Cláudio, 2009; Reis, 2004).

A diáspora contemporânea está atrelada à vivências dos migrantes da atualidade, tendo alguns fatores contribuído para forçar essas pessoas a migrarem, como a pobreza ou a falta de oportunidades no país de origem (Cláudio, 2009; Hall, 2003). Alguns autores consideram outra abordagem ao termo diáspora contemporânea, como é o caso de Reis (2004), que define que as diásporas contemporâneas acontecem devido aos avanços tecnológicos nas comunicações e transportes e, além disso, de maneira não forçada.

Nesta pesquisa, consideramos a perspectiva de Hall (2003) para o termo, que relaciona os movimentos diaspóricos das populações atuais a deslocamentos forçados com o propósito de sair de uma situação de dificuldade econômica enfrentada no país de origem ou mesmo fugirem casos de violação de seus direitos humanos, ou seja, quando há risco à vida e à sobrevivência. Hall (2003) afirma que as migrações transnacionais, ou seja, aquelas que ultrapassam os limites geográficos de um país, sejam elas voluntárias ou forçadas, estão modificando a composição das culturas, afinal, “na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (Hall, 2003, p.27). Em meio a essa mistura entre culturas, há relações de poder, já que as migrações ocorrem, em sua maioria, de países periféricos (do Sul), para os países de centro (do Norte), onde existem fronteiras que funcionam de maneira mais eficaz para migrantes marginalizados e pobres advindos de países do Sul (Cláudio, 2009), construindo a figura do estrangeiro.

A construção do estrangeiro é objeto de análise de diversos estudos, dentre os principais estão o de Elias e Scotson (2000) e o de Simmel (1983). Os primeiros utilizam *establishment* ou *established* para designar aqueles pertencentes a uma sociedade, o que pode ser traduzido como “estabelecimento” ou “estabelecidos”. Refere-se a um grupo de indivíduos pertencentes a determinado local e que ocupam posições de notoriedade e poder, sendo reconhecidos entre si como uma sociedade melhor, de prestígio, um modelo a ser seguido pelos outros. Os outros seriam os *outsiders*, termo que pode ser traduzido como “os de fora”, pessoas que não pertencem a determinado grupo, aqueles considerados fora da “sociedade modelo” e que não constituem um grupo social homogêneo e com laços fortes, tal qual os *established* (Elias & Scotson, 2000). Assim, os *outsiders* são pessoas vistas e estigmatizadas pelo primeiro grupo como pessoas de menor valor humano (Bauman, 2017; Elias & Scotson, 2000).

Volkan (2018) afirma que indivíduos estabelecidos se sentem aterrorizados em pensar que, ao receber os *outsiders*, os costumes sociais de seu país, a economia e a identidade grupal dos nativos que lá vivem serão contaminadas por aqueles considerados “os outros”. Bauman (2017) afirma que recém-chegados a um local são considerados estranhos e estranhos sempre tendem a causar desconforto e ansiedade em uma sociedade já estabelecida, ocasionando um tratamento hostil e, até mesmo, perverso para esses novos habitantes. Inerente à ideia da diáspora, portanto, está a aversão ao outro, já que o termo trata de uma migração forçada e da ideia de exclusão diante da chegada do “outro” (Hall, 2003).

As fronteiras construídas ao longo da história servem não apenas para separar fisicamente os grupos de estabelecidos dos *outsiders*, mas, também, para preservar a “pureza” de sua cultura, crenças e valores de serem contaminados pelos “outros” (Volkan, 2018). Assim, os *outsiders* são encarados como ameaças à sociedade local.

Ao migrarem para um novo local, essas pessoas são entendidas como estrangeiros. Simmel (1983) afirma que o “estrangeiro” ou “estranho” é sempre considerado alguém de fora do grupo. Segundo o autor, mesmo que esse compartilhe das mesmas regras sociais, como um membro ativo, ainda assim ele será encarado como não pertencente. As relações entre estabelecidos e *outsiders* se dão com um relativo distanciamento, há, portanto, uma certa tensão pela existência de algo não comum (Simmel, 1983).

Os termos imigrantes e refugiados são muitas vezes confundidos e utilizados indistintamente. Freitas e Dantas (2011) destacam que a figura do refugiado se refere a alguém cuja saída do país não foi desejada ou planejada, mas, sim, imposta para salvar sua vida ou a de sua família, sem possibilidade de retornar. O abandono de seu país está relacionado ao desaparecimento dos vínculos de filiação social, nacional e cultural que amparam sua identidade (Freitas & Dantas, 2011).

Diversos são os motivos que levam uma pessoa a entrar em um outro país na condição de refugiado, seja guerras, instabilidade econômica, perseguições religiosas, processos políticos, como ditaduras, censura à opinião política e repressão às minorias. A Organização das Nações Unidas tem enfrentado desafios crescentes para que esses refugiados sejam recebidos de forma humanitária. As ajudas humanitárias são pensadas para que os efeitos negativos sejam minimamente sentidos, no entanto, o que se percebe é que o respeito e a dignidade ainda não são comumente encontrados por essas pessoas (Freitas & Dantas, 2011).

Freitas e Dantas (2011) também apresentam uma definição para imigrante que, diferentemente de refugiado, é aquele que se planeja para viver em um outro local, sem impedimentos de retorno para seu país de origem. As razões podem ser diversas, desde buscar uma vivência cultural temporária em outro país, até a busca por melhor qualidade de vida e, conseqüente, permanência naquele local. A definição de imigrante econômico, refere-se àquele que tem como principal razão para migrar a busca por emprego e por melhores condições de vida (Campbell, 2018). Esse tipo de imigrante é, geralmente, proveniente de países periféricos que, no intuito de obter melhores condições financeiras, migra para um outro país, com a finalidade de trabalhar.

Outra questão que diferencia imigrantes e refugiados é que o refugiado é “um imigrante involuntário, vítima de questões políticas, guerra, ou catástrofe natural. Todo refugiado é naturalmente um imigrante, mas nem todo imigrante é um refugiado” (Juss, 2013, p. 311). Por essa questão, ainda que o refugiado seja também um imigrante, as conseqüências, dada a identidade a ele imposta, o coloca em uma posição de inferioridade ainda maior.

A identidade de uma pessoa possui forte ambivalência, podendo levar à emancipação ou à opressão (Bauman, 2005). É nesse sentido que Hall (2003, p. 28) questiona “como podemos conceber ou imaginar a identidade e o pertencimento, após a diáspora?” Segundo o autor, a identidade cultural é definida no nascimento, seja pelo local em que se nasce ou seja pela biologia constitutiva do ser. No entanto, fatores externos, tais como a pobreza, falta de oportunidades e violência, são alguns dos motivos que forcem pessoas a migrarem, ocasionando dispersão e espalhamento.

Após a experiência da diáspora, ou seja, da migração para outro país, imigrantes e refugiados têm sua identidade atribuída pelos estabelecidos do local para o qual migraram, identidade esta que lhes é imposta, sem que tenham a possibilidade de abandoná-la. Além de serem vistos com estranhamento e rejeição, pelo fato de serem *outsiders*, essas identidades trazem estereótipos que os desumanizam, humilham e rejeitam (Bauman, 2005; Hall, 2003).

Ainda que possuam conceitos distintos, imigrantes econômicos e refugiados são identidades que enfrentam situações similares de rejeição, estereótipos e estranhamento dos habitantes locais, pois ambos são estrangeiros e, por esse motivo, ainda que tenham chegado a determinado local por motivos diferentes, enfrentam situações de discriminação e preconceito semelhantes em suas vivências. Essas pessoas tentam ser fortes e otimistas ao chegar no país de destino, porém, ainda assim, a realidade vivenciada por elas não é fácil, geralmente enfrentam vários desafios decorrentes da diáspora, estão traumatizadas, sozinhas, sem dinheiro e incapazes de falar a língua local (Phillips, 1997).

### Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa, em que o pesquisador constitui-se elemento fundamental na interpretação das informações coletadas (Flick, 2009). O corpus de pesquisa constitui-se de entrevistas semiestruturadas com roteiro contendo perguntas pré-elaboradas, baseadas na fundamentação teórica e tendo em vista os objetivos da pesquisa. As categorias presentes no roteiro de entrevista, realizadas com refugiados e imigrantes, se relacionavam, principalmente: (a) às narrativas sobre os motivos que os levaram a sair de seus países de origem e vir para o Brasil; (b) aos principais desafios enfrentados ao chegar em uma terra diferente; e, (c) à colonialidade existente no âmbito do trabalho. O projeto de pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia e sua realização seguiu todos os procedimentos éticos indicados para a pesquisa social, incluindo a utilização de nomes fictícios e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na 16ª entrevista a saturação foi atingida, estando em conformidade com a recomendação de Gaskell (2003) quanto a esse critério, sendo oito com refugiados e oito com imigrantes, quando os relatos se assemelharam, considerando-se não ser necessária a inclusão de novos participantes.

### Participantes e a Aplicação das Entrevistas

Para coletar o material empírico, a estratégia utilizada foi a de entrar em contato com imigrantes e refugiados de uma Organização Não Governamental (ONG) que auxilia refugiados em Uberlândia. Enquanto critério de inclusão, foram selecionadas pessoas assistidas pela ONG, na condição de refugiados ou imigrantes econômicos, que fossem maiores de idade e que aceitassem participar da entrevista. Utilizou-se, também, a técnica denominada bola de neve que, conforme Vinuto (2014), consiste em, a partir do contato inicial com um dos sujeitos de pesquisa, solicitar-se que outras, com características que se pretende estudar, sejam indicadas. O autor defende que essa técnica é adequada para este tipo de pesquisa, uma vez que é utilizada em estudos com temas sensíveis e uma população difícil de ser acessada, por ser estigmatizada ou reclusa.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e novembro de 2019, na moradia dos entrevistados, conforme sua opção. Antes de dar início à entrevista, explicamos a cada um dos entrevistados o objetivo da pesquisa e afirmamos a garantia a todos eles de seu anonimato. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos entrevistados, aos quais foi informado que os arquivos seriam apagados após a transcrição. Foram entrevistadas pessoas dos seguintes países: Venezuela, Síria, Palestina, Gâmbia, Senegal, Bangladesh, República Dominicana e Haiti. Alguns dos entrevistados não tinham fluência em português e desejaram conceder as entrevistas em seu idioma nativo, espanhol, por isso, tanto a entrevista quanto a tradução no momento da transcrição foram feitas pela entrevistadora, que tem fluência no idioma. Nos casos em que os entrevistados falavam francês ou árabe, contamos com o auxílio de um tradutor. A duração das entrevistas variou de 10 a 60 minutos, com uma média de 25 minutos, totalizando 85 laudas após as transcrições. A transcrição foi feita considerando as falas originais. Na tabela 1, apresentamos uma síntese dos dados dos entrevistados.

Tabela 1  
Entrevistados

Nome (fictício)	Sexo	Idade	País de origem	Tempo no Brasil
Vera	F	31	Venezuela	1 ano
Osmar	M	33	Venezuela	1 ano
Adriano	M	20	Venezuela	9 meses
Elen	F	46	Venezuela	9 meses
Bernardo	M	30	Venezuela	10 meses
Georgina	F	26	Venezuela	7 meses
Márcio	M	37	Senegal	4 meses
Luís	M	32	Senegal	1 mês
Raul	M	54	Rep.Domin.	5 anos
Helder	M	32	Bangladesh	4 anos
Alisson	M	26	Síria	2 anos
Wander	M	36	Palestina	4 anos
Mário	M	39	Gambia	1 ano e 3 meses
Burli	M	25	Gambia	1 ano
Murilo	M	28	Gambia	3 anos
Délio	M	35	Haiti	5 anos

### Procedimentos de Análise

A análise das narrativas se concentrou em compreender as experiências dos entrevistados, pois, ao narrar suas histórias, os sujeitos pesquisados conseguem organizar suas experiências de vida e fornecer sentido sobre si mesmos (Fleming, 2001). Conforme proposto por Polkinghorne (1995), agrupamos as narrativas por semelhanças considerando a estrutura: (a) o espaço delimitado, que marca o começo e fim de cada uma das histórias que serão apresentadas, não necessariamente estará ligado a datas, mas sim, a episódios que aconteceram na vida dos entrevistados; (b) os critérios de seleção dos eventos que foram incluídos e estão relacionados ao problema de pesquisa e objetivos da pesquisa; e (c) os eventos significantes que compõe as histórias selecionadas para dar sentido ao todo.

A operacionalização da análise foi realizada com o apoio do *software* livre Iramuteq, que mostrou a palavra trabalho e suas variações como as mais frequentes, seguida de palavras associadas às motivações para saírem de seus países de origem e suas trajetórias até o Brasil e palavras relacionadas aos principais desafios enfrentados por eles. Para identificar as categorias analíticas, seguimos a orientação de Polkinghorne (1995): inicialmente agrupamos as narrativas por semelhanças; em seguida, identificamos os episódios e selecionamos aqueles relacionados com o problema de pesquisa. Nessa etapa, consideramos que as histórias não necessariamente foram apresentadas de forma linear, já que o tempo, nas histórias narradas, transitam do passado para o presente ou futuro.

### Narrativas Diaspóricas

Nesta seção, apresentamos os resultados da pesquisa, com três narrativas principais dos entrevistados que respondem ao problema de pesquisa, relacionados às tensões vivenciadas por refugiados e imigrantes: a) a vida na terra da gente; b) a diáspora contemporânea – o viver na terra dos outros; c) a diáspora contemporânea – trabalhar na terra dos outros. A partir desta seção, adicionamos ao termo imigrantes a palavra *econômicos*, visto que os imigrantes entrevistados se configuram como imigrantes econômicos (Campbell, 2018).

### A Vida na Terra da Gente

As narrativas desta categoria dizem respeito aos episódios relacionados à vida dos entrevistados quando no país de origem e trazem temas como instabilidade econômica e política, situação de guerra no país e a falta de perspectiva de vida. Os relatos relacionados à instabilidade econômica e política que o país de origem estava enfrentando apontam que os

entrevistados foram forçados a sair de seu país, de forma não planejada, contra suas vontades, de tal modo que, se não o fizessem, estariam colocando suas vidas em perigo.

*Lá (Venezuela) não tinha trabalho, não tinha emprego, os meninos não se alimentavam bem, eles, era muito complicado comprar sapato, eles queriam brinquedo não tinha o que dar a eles, ai Osmar fazia um trabalho, e não dava para tudo o que nós precisávamos, então aí, para poder sair tínhamos que vender a casa, as coisas de eletrônicos para nós conseguirmos a passagem.* (Vera, venezuelana)

Vera menciona que ficar ou sair de seu país de origem não se tratava de uma opção, já que, mesmo trabalhando e recebendo um salário, não era suficiente para suprir as condições mais básicas. Vera e Osmar são casados e têm dois filhos pequenos e tiveram muitas dificuldades em ter que sair do país às pressas, sem se planejar previamente, trazendo apenas poucos pertences, deixando para trás uma vida, uma história, com a esperança de recomeçar a vida em outro país.

O cenário econômico ressaltado nas entrevistas revela que a alta oscilação no preço das mercadorias na Venezuela levou a um contexto de hiperinflação, acentuando a crise no país e forçando um maior número de pessoas a migrar, já que nem mesmo o salário era suficiente para suprir suas necessidades básicas: “(...) na Venezuela cada vez que ele (o presidente) aumenta salário, sobe mais ainda a inflação, mais de 300% que o salário. Mas não resolve, porque ele subindo o salário, as pessoas escondem a mercadoria para depois vender mais caro” (Osmar, venezuelano).

Os entrevistados refugiados não tiveram escolha quanto a ficar ou sair de seus países (Freitas & Dantas, 2011), como mencionado por Elen: “ou saia da Venezuela ou morria” (Elen, venezuelana). Assim, pela falta de opção, a não ser fugir do local em decorrência de tentar salvar a própria vida, bem como devido à grave violação de seus direitos humanos pela instabilidade econômica e política do país, essas pessoas solicitaram refúgio ao Brasil.

A solicitação de refúgio é analisada individualmente, portanto, vários podem ser os fatores que levam alguém a solicitar refúgio e asilo em outro país. Outro fator também relacionado a questões extremas e que apareceu nas entrevistas como motivo para saída do país foi o risco devido à guerra. Os entrevistados mencionaram o fato de o país estar em guerra. Essas pessoas também precisaram fugir para que suas vidas fossem salvas.

Porque meu país está em guerra agora, você sabe. Eu não consigo ficar lá agora. Eu fiquei lá sete anos com guerra, mas eu estava estudando lá porque quando eu acabei a faculdade, eu tem que ser soldado, entende? Mas eu saí. Lá agora está muito bagunçado, ninguém sabe quem mata o outro e por isso eu saí. Porque não quero fazer isso. (Alisson, sírio)

Foi por causa de guerra. Lá começou guerra, eu convivi com a guerra cinco anos e depois eu não consigo trabalhar mais, eu tenho três crianças, três filhos e não consegui trabalhar mais. Tudo fechado, empresas... tudo parado. (Wander, palestino)

As histórias narradas nas entrevistas trazem o horror vivenciado pelos dois entrevistados em seus países que os motivou a fugir de forma também não planejada, para que pudessem se salvar. Ambos viviam na Síria, país que está em guerra desde 2011 e que trouxe consequências trágicas à população, pois milhares de pessoas morreram e outras tantas migraram para salvar suas vidas. Freitas e Dantas (2011) mencionam que ser refugiado não se trata de um planejamento, mas sim de uma obrigação em sair de seu país para salvar a própria vida, sem a possibilidade de regresso.

Diferentemente daqueles que tentam salvar suas vidas migrando para outro território, encontramos aqueles cuja mudança de país foi planejada, sem que haja a impossibilidade de retorno. Alguns dos entrevistados planejaram a mudança para o Brasil em busca de melhores condições de vida e melhores oportunidades profissionais, já que seus países não lhes ofereciam.

Mário conta que o desemprego o levou a vir para o Brasil: “No nosso país não tem problema, só desemprego, muito desemprego, não tem trabalho.” (Mario, gambiano). Burli também veio para o Brasil devido à dificuldade em achar trabalho em seu país e conta que, quando encontrava trabalho, era sempre informal, sem estabilidade, trabalhos temporários: “Ah... tipo assim, lá você trabalha um dia aqui outro ali. Você pode trabalhar um mês num lugar e três meses em outro. Eu passei um ano sem trabalho.” (Burli, gambiano).

As narrativas evidenciam as dificuldades de emprego que essas pessoas enfrentavam em seus países. Muitos dos entrevistados vieram para o Brasil na busca de emprego e para obter melhores condições financeiras e, para isso, precisaram deixar suas famílias. Márcio, do Senegal, conta que, em virtude do desemprego, ele deixou dois filhos em seu país de origem, juntamente com a esposa e outros parentes para buscar por melhorias de vida no Brasil e enviar dinheiro à família: “Saí, vim aqui e procurei trabalho para ver se manda dinheiro para família para sobreviver.” (Márcio, senegalense). Além da dificuldade de conseguir emprego em seus países de origem, quando encontravam eram ocupações em postos de trabalho instáveis e temporários, dificultando a sobrevivência da família. No entanto, a vida no país de destino não significa corresponder às

expectativas de vida melhor e melhores condições financeiras, fator esse que será analisado posteriormente em um tópico dedicado a analisar questões relacionadas ao trabalho.

### **Diáspora Contemporânea: O Viver na Terra dos Outros**

Esta categoria abrange episódios relacionados à vida no país de destino, desde a chegada ao Brasil. Grande parte das narrativas remetem a dificuldades, no entanto, houve também menções à ajuda recebida por conhecidos e ONGs. Os entrevistados falaram das diversas barreiras encontradas ao chegar no país, por exemplo, os perigos ao cruzar as fronteiras.

A fronteira estava fechada, ele (falando sobre seu companheiro) pagou para que pudesse passar pelos caminhos verdes, caminhos verdes significa passar pelo mato para chegar, como a fronteira estava fechada, esse era o único meio para entrar no Brasil. É mais perigoso, é mais difícil. Eu levei comida, a menina estava em minhas pernas o tempo todo, porque não deu para pagar outra passagem. Quando eu cheguei, um moço nos pegou e nos levou a cruzar a fronteira, pelos caminhos deles pelo mato. Aí não deu certo, porque a polícia militar que estava aí na fronteira, não deixava passar os carros, eles fecharam. Aí deu meio dia do outro dia, aí começamos a falar entre nós e decidimos cruzar pelo mato, caminhando, eu levando a menina carregada, uma mala, comida e água (choro). (Georgina, venezuelana)

Georgina não veio sozinha, mas, sim, com a filha, uma criança de cinco anos de idade. O relato remete a Hall (2003) quando o autor diz que o fenômeno da diáspora está permeado pela existência de uma fronteira de exclusão, uma oposição entre os que estão dentro de um território e os que estão fora, que causa temores naqueles que necessitam atravessá-la para a própria sobrevivência. Além dos perigos, a fronteira de exclusão apresenta também questões burocráticas que, ao invés de acolher, exclui aqueles que necessitam urgente de refúgio, como é o caso de Alisson, que informou que, para vir ao Brasil, foi necessário a comprovação da posse de dinheiro.

Estava caro um pouco, na verdade. Porque eles pedem que você tenha dinheiro no banco, quase oito mil dólares, nove mil dólares, você tem que ter esse dinheiro no banco para eles deixarem você sair. Eles pediu isso no Brasil, não no meu país, entendeu? Consulado do Brasil. (Alisson, sírio)

Bauman (2017) observa que as que barreiras são difíceis de serem transpostas por imigrantes de países que buscam por melhoria de vida em outro território, já que muitas vezes se utilizam de meios ilegais para cruzar a fronteira, como foi o caso de Georgina, ou quando possuem o processo dificultado, como foi o caso de Alisson que necessitou de uma significativa quantia de dinheiro. Além disso, ao entrar no país de destino, essas pessoas são muitas vezes recepcionadas de forma humilhante e excludente (Bauman, 2017; Elias & Scotson, 2000; Volkan, 2018). O relato de Vera confirma a hostilidade enfrentada por essas pessoas quando chegaram ao Brasil.

*Seguimos para Boa Vista, aí ficamos quatro noites na rua, com os meninos, às vezes íamos para os pontos de guardas, onde tinham barracas, aí ficávamos todo o dia. De noite a gente dormia na rua de Boa Vista, no centro, às vezes eram seis da manhã e chegavam os guardas com apito ou com outros instrumentos, às vezes quatro ou cinco da manhã, acordavam a nós para não ficar aí, porque estávamos sujando a cidade. Sentamos fora de uma loja e eles falavam “aqui não pode ficar”, “você são venezuelanos, vai para fora, sai fora, sai fora”, nós pegávamos a mala com as crianças e saíamos, seguia caminhando.* (Vera, venezuelana)

O relato de Vera retrata uma chegada cheia de humilhações no Brasil. Ela, o marido e os filhos pequenos saíram de uma situação de calamidade em seu país, Venezuela, e chegaram em outro território enfrentando preconceitos, humilhação e rejeição. O preconceito presente nas narrativas e enfrentado por esses refugiados na chegada ao Brasil revela uma separação entre os estabelecidos daquele local e os “de fora”, *outsiders*, e evidencia o pânico dos estabelecidos em receber *outsiders*, como se a cultura local pudesse ser destruída ou contaminada com a chegada de um “outro” (Elias & Scotson, 2000; Volkan, 2018). Similar a essa ideia, a maneira agressiva com que esses refugiados foram recebidos mostra que os recém-chegados a um local são considerados estranhos de tal modo que causam incômodo e receio em uma sociedade já estabelecida, resultando em uma recepção excludente e humilhante a essas pessoas.

Grande parte dos entrevistados listaram o idioma como um dos primeiros e principais desafios de viver no Brasil, pois saber se comunicar é fundamental para a emancipação dessas pessoas que chegam em situação de vulnerabilidade. O fato de o Brasil ser monolíngue dificulta a vida daqueles que escolheram o país como lar e não aprenderam o idioma antes da sua vinda. Os entrevistados reconhecem que, sem a fluência do idioma, se veem limitados em muitos aspectos. Alisson menciona



a dificuldade em conseguir emprego sem a fluência do português e reconhece que não está no país provisoriamente, mas, talvez, permanentemente: “A gente precisa para trabalho, entendeu? Para conhecer pessoas. Porque eu não vou ficar aqui um mês, três meses, eu estou aqui para... ninguém sabe, talvez para sempre, sabe?” (Alisson, sírio).

Uma experiência bastante mencionada é a dificuldade com a documentação, que leva a uma situação de não-cidadão, com muitas restrições. Mário relata as dificuldades em não ter a documentação que permite visitar sua família, mencionando, inclusive, que não pode sair do país, pois se sair, não poderá voltar e em seu país de origem ele não pode ficar, devido ao alto índice de desemprego.

Isso que é o grande o problema com nós aqui (falando sobre o documento), porque eu estou aqui, um ano e três meses, eu tem esposa lá, filho e filha... tudo lá, eu estou com saudade para visitar eles, você sabe... um homem não pode ficar um ano sem ver sua esposa. Difícil, né? Eu não tem como ir para ela, porque não tem documento. (Mario, gambiano)

Os problemas da documentação foram bastante mencionados pelos entrevistados, tanto pelos imigrantes como pelos refugiados. No caso de refugiados, esses indicaram a falta de conhecimento sobre alguns documentos, como a carteira de trabalho ou sobre o processo para conseguir o documento:

Eu cheguei eu não conhecia como lei de aqui, carteira de trabalho. Eu trabalhei com eles quase um ano sem carteira, porque eu não sabia que tem carteira, que tem que fazer carteira, não sabia e ninguém me falou. Eu não sabia falar português também muito direito. (Alisson, sírio)

Durante as entrevistas, os entrevistados afirmaram que o acolhimento em Uberlândia foi algo positivo, muitos disseram que a relação com os brasileiros foi positiva na cidade e que receberam bastante auxílio, especialmente de ONGs ou de grupos da igreja.

Estou muito agradecida com Uberlândia, porque conheci os professores de ONG TAARE, todas as pessoas que nos ajudaram com um pouquinho, com qualquer coisa, mas nos ajudaram bastante. Onde nós chegamos sempre falam “precisam de algo? O que querem? Qualquer coisa, fala”. (Vera, venezuelana)

Os entrevistados expressaram que se sentem acolhidos por perceberem que não são tratados com indiferença, mas sim com consideração e afeto advindo de alguns grupos específicos, que os ajudaram com algum tipo de assistência. No entanto, apesar do bom acolhimento em Uberlândia e da boa relação com brasileiros no geral, a saudade foi bastante mencionada por eles, especialmente por aqueles que saíram do país sem possibilidade de retorno: “Para nós, o mais complicado é fazer uma ligação para lá e sempre o coração fica pequenino.” (Vera, venezuelana).

Além da saudade do que ficou para trás, é difícil para os entrevistados aceitarem que não há possibilidade de retorno para o país de origem. Muitos ainda mencionam a esperança de voltar para seu país algum dia, como, por exemplo, Vera, que menciona que está feliz que seus filhos estejam aprendendo um novo idioma no Brasil, porque, “ao voltar, em um futuro para Venezuela, eles já sabem falar português”, deixando explícita a expectativa em um dia retornar para seu país.

## **A Diáspora Contemporânea: O Trabalhar na Terra dos Outros**

Nesta categoria estão as narrativas sobre as condições de trabalho dos entrevistados e os temas recorrentes são a busca por emprego, a remuneração e condições precárias. O desafio para encontrar emprego também foi bastante mencionado pelos entrevistados. A procura não é simples e os trabalhos encontrados são geralmente em posições de subemprego, mal remunerados e em condições precárias de trabalho.

Os entrevistados disseram que quando há indicação é sempre mais fácil, mas quando não há, eles buscam por trabalhos temporários, por “bicos”, para que possam se manter financeiramente. Como é o caso de Georgina (venezuelana) que diz que: “Eu fazia limpeza, alguma coisa, para ir arrumando dinheiro diário. Mas estava sem nada, aí comecei a entregar currículo, entregar, entregar.” Já Osmar informa que por intermédio de um amigo da Fraternidade sem Fronteiras foi possível conseguir um emprego em uma padaria:

Esse amigo da Fraternidade sem Fronteiras que me conseguiu um trabalho no Pacaembu, um amigo dele, era o dono da padaria e fazia faculdade de noite e ele perguntou se o pai não tinha uma vaga de trabalho e tal, e ele disse que sim, que eu fosse fazer o teste para a padaria dele. (Osmar, venezuelano)

As narrativas apontam que são muitos os percalços para se conseguir emprego, já que, por vezes, são em postos de trabalho abaixo da qualificação profissional. Esse é o caso de Georgina, que era técnica em Segurança do Trabalho em seu país, trabalhou em grandes empresas e, ao chegar ao Brasil, precisou fazer “bicos” para se manter até que conseguisse um trabalho, tendo sido empregada como auxiliar de limpeza, em um restaurante de comida árabe, na cidade de Uberlândia. Já Osmar disse que buscou vários empregos e sempre foi mais fácil conseguir trabalho quando há indicação de alguém, pois, sem a indicação, eles ficam meses sem trabalhar, entregando currículo e buscando oportunidades em mídias sociais.

Os relatos vão ao encontro dos achados das pesquisas de Mello (2015) e Franco (2018), que mencionam os transtornos enfrentados por essas pessoas ao chegarem em outro território, ao trabalharem em ocupações inferiores à posição profissional que possuem, em condições precárias de trabalho, muitas vezes sem registro profissional e sem estabilidade.

Muitos imigrantes, porém, disseram que foi fácil encontrar emprego devido à sua religião. A maioria dos entrevistados mulçumanos trabalha ou já trabalhou em uma grande empresa localizada na cidade de Uberlândia, do ramo alimentício, responsável por produtos refrigerados. Para essas pessoas, não houve tanta dificuldade em conseguir emprego.

O trabalho encontrado pelos adeptos da religião mulçumana consiste no abate de animais pela técnica mulçumana sagrada de abate denominada Halal. Um dos requisitos da técnica é de que o profissional deve fazer uma reza antes do abate e a face do animal deve estar voltada para Meca, cidade da Arábia Saudita considerada sagrada pelos mulçumanos (Mendes, 2018). Apenas carnes *halal* podem ser ingeridas por pessoas da religião mulçumana. A demanda do mercado externo é crescente e as carnes abatidas na empresa em que esses entrevistados trabalham são exportadas para países árabes (Mendes, 2018).

Quando questionados sobre a dificuldade e o tempo até encontrar trabalho, aqueles que são mulçumanos e que trabalham como “sangrador”, pessoa responsável pelo abate da carne *halal*, responderam que não houve dificuldade. Mario, por exemplo, informou que: “Não, não foi difícil, levou um mês para achar trabalho. É porque a empresa só contrata mulçumano, só nós mulçumanos matamos vaca para exportar para outro país.” (Mario, gambiano).

Para aqueles que não são mulçumanos, no entanto, é mais complicado encontrar emprego, eles reconhecem que o fato de serem imigrantes dificulta serem contratados.

Se é difícil para os brasileiros, que tem toda sua documentação, estão nacionalizados, é seu país, arranjar um trabalho. Muito mais difícil é para nós estrangeiros, que estamos como imigrantes, refugiados, temporários, que isso é uma das coisas que afetam aqui também, porque, tanto em benefício como em trabalho que em qualquer momento você se pode ir. (Osmar, venezuelano)

Osmar reconhece que o fato de ser estrangeiro, ainda sem toda a documentação e sem os documentos de residência permanente, dificulta muito ser empregado por alguma organização e encontrar um emprego estável. No entanto, o que não foi mencionado por ele é a falta de valorização dessas pessoas e da diversidade nas organizações, levando à não contratação, ou à exploração, quando contratados. A maioria dos entrevistados não possui a formação em seu país de origem e encontrou profissões similares no Brasil. No entanto, aqueles que possuíam alguma formação ou profissão em seu país não tiveram seus conhecimentos e aptidões reconhecidos no Brasil, encontrando emprego em posições diferentes em relação às ocupadas no seu país de origem.

A exploração e a perversidade no âmbito do trabalho foram mencionadas pelos entrevistados. A violação de direitos desses trabalhadores foi recorrente em muitas entrevistas. Por exemplo, foram reveladas situações em que recebiam um salário ínfimo ou outras situações em que trabalharam por meses sem receber salários.

Comecei a trabalhar em uma fábrica de bolacha, embalando bolacha, no Pampulha. Eu fiquei quase três meses, só que aí não recebia certinho por não ter carteira de trabalho. Aí, por exemplo, quando chegava o dia do pagamento o cara saía com 200 conto, 300 conto. Ele não pagava. Não tinha benefício, não tinha vale de transporte, não tinha vale refeição. (Osmar, venezuelano)

Osmar conta sobre sua primeira experiência de trabalho em Uberlândia, em uma fábrica como empacotador de bolachas, local em que não recebia o salário combinado, recebendo apenas o valor que o proprietário determinava. Ele esteve empregado por três meses sem a carteira de trabalho assinada e nem mesmo foi informado ser necessário ter uma carteira de trabalho. O entrevistado conta sobre seu segundo emprego, no qual também houve exploração. Ele e outros dois venezuelanos entrevistados trabalharam na mesma construtora, como pedreiros, juntamente com outros imigrantes econômicos e todos eles foram vítimas de um golpe.

No trabalho, por exemplo, nós trabalhamos quase dois meses cada um, porque não trabalham com brasileiros só com estrangeiros, só que durou dois meses e no final não sei o que aconteceu que, como se diz, amanheceu e, de repente, como se

diz, o galpão estava fechado, ele se foi e nem pagou. Isso foi uma empresa de construção civil aqui em Uberlândia. (Osmar, venezuelano)

Os relatos relacionados ao trabalho e o não pagamento foram os mais comuns. Outro entrevistado, Adriano, que também trabalhou como pedreiro na mesma construtora, conta que trabalhou sem receber salário, sendo explorado, assim como Osmar, por duas vezes em empresas diferentes.

Só no trabalho que eu tive preconceito, no primeiro trabalho com o rapaz da construção e o segundo com o rapaz do lava jato. O primeiro emprego foi ajudante de pedreiro, que não recebi. E no segundo trabalho também. Comecei o curso de lava jato e ele me deu emprego. Ele pagou aos poucos o primeiro mês. Só assim ele pagou o primeiro mês. Aí o segundo mês correu inteiro, aí ele não me passou nada. Aí chegou o terceiro mês, no terceiro mês ele passou a metade do segundo mês, ficou faltando dinheiro. Aí correu o terceiro mês e ele não me passou dinheiro. Tipo o quarto mês nem passou dinheiro do restante do segundo, nem nada do terceiro, nem o quarto mês, os dois últimos meses que eu fiquei lá, ele nem passou dinheiro, nem vale, nem nada e também nem a metade do segundo mês. Mas já tava correndo o quinto mês no trabalho, aí eu parei, eu falei “não, não vou ficar aqui não”. (Adriano, venezuelano)

As situações mencionadas revelam uma relação de poder entre empregador e empregado, em que os entrevistados são tratados de forma hostilizada, como resquício da colonialidade ainda existente em muitas organizações. Isso pode ser observado nas narrativas de Osmar e Adriano, em que tanto na construtora quanto no lava a jato, apenas imigrantes foram contratados, exatamente por sua vulnerabilidade e desconhecimento de seus direitos enquanto trabalhadores. A eles foi concedido tratamento desumano e perverso, enquanto são percebidos como raça dominada/inferior por aqueles que se entendem como raça dominante e detentores de poder, ou seja, os empregadores.

A narrativa de Elen e Georgina são exemplos de exploração salarial enquanto estavam em Boa Vista. As entrevistadas foram contratadas de maneira informal e para receber menos da metade de um estabelecido que possui carteira e recebe um salário mínimo: “E trabalhei um mês aí com elas de costura, em Boa Vista. Não tinha carteira assinada não, ela pagava para mim só 20 reais por dia, eu trabalhava de oito horas da manhã, até sete horas da noite”. (Elen, venezuelana).

Eu trabalhei com a mulher cuidando dos meninos, eu levava minha filha e cuidava dos filhos dela e ela pagou 40 reais pela semana. Trabalhei desde a manhã até as 17h da tarde. Foram tempos muito difíceis, eu tive que trabalhar com um pagamento muito pequeno, eu tive que deixar de comer para dar para minha filha. (Georgina, venezuelana).

O relato abaixo é de Wander, palestino que viveu na Síria por muitos anos. Ele foi empregado por outro sírio que possui um restaurante árabe em Uberlândia e, em seus relatos, ele deixa clara a exploração financeira advinda do empregador.

Eu trabalhei com ele oito meses, briguei com ele, porque ele falou para mim que ia assinar carteira, prometeu salário bom... fiquei aqui oito meses e ele não fez isso. Ele não assinou minha carteira, não deu salário bom, só dá 60 reais por dia, pela noite, eu trabalho das 18 às duas horas da manhã. Eu vou de ônibus, mas duas horas da manhã não tem ônibus, tenho que pegar Uber, então quatro reais para ir e 10 reais a volta, são 14 reais, tira de 60 fica quanto? Uns 40? Para ficar a noite toda? Ai fiquei oito meses nesse trabalho, oito meses desse jeito. Aí saí. (Wander, palestino)

Além da exploração que acontece por meio de baixos salários ou da falta de salário, conforme mencionado pelos entrevistados, há também exploração da mão de obra desses trabalhadores que, geralmente, trabalham além do horário previsto, algumas vezes com acúmulo de funções, sem que recebam por isso. A narrativa abaixo confirma essa situação.

Eu gostei desse trabalho, mas eu penso em deixar porque às vezes, eu faz muitas coisas aí nessa loja, eu faço muito mesmo. As brasileiras falam “nossa você cobra muy poco para o que você faz”. Elas falam “busca outro trabalho” e me ponho a pensar que não posso pensar assim porque para entrar em outro lugar não vai dar certo. Tenho que ficar aí porque depois para conseguir outro emprego vai custar. Aqui às vezes a pessoa fala “a coisa em Uberlândia está difícil” então a gente fica com medo. Estou em duas funções, do meio dia até oito. Sábado e domingo também. (Vera, venezuelana)

A quantidade de horas e dias excedentes trabalhados, sem que recebam ou folguem pelas horas extras, além do acúmulo de funções, como é o caso de Vera, caracteriza-se como meio para acumulação de capital das organizações, uso de poder e abuso do elo mais fraco da cadeia (Mascarenhas et al., 2015).

O entrevistado Wander, que veio da Síria, viveu em condição de trabalho análoga à escravidão e contou a situação vivenciada em suas narrativas.

Aí eu fui para Campinas, eu trabalhei em um restaurante para sobreviver, sem ganhar dinheiro, para sobreviver. Eu morava junto com eles e comia. Por isso minha esposa se separou de mim. Porque não mandava dinheiro para eles. Por isso ela pediu para Juiz para divorciar. Viu? Muito feliz! Eu estou muito feliz no Brasil. (Wander, palestino)

O entrevistado conta que não recebia nada para trabalhar nesse lugar, a não ser casa e comida. O local era um restaurante árabe, gerido por árabes, portanto, novamente a noção de estabelecidos é ampliada para pessoas da mesma nacionalidade. Mascarenhas et al., 2015) afirmam que não é difícil encontrar notícias de organizações que se utilizam da vulnerabilidade e sofrimento de imigrantes econômicos como mão de obra escravizada, revelando, assim, uma face nefasta e sombria das organizações (Linstead et al., 2014; Mascarenhas et al., 2015).

## Discussão

Nesta pesquisa, consideramos que as experiências de refugiados e imigrantes econômicos estão associadas a um fenômeno sociocultural contemporâneo: a diáspora, ou seja a dispersão de povos de maneira forçada, resultando em exclusão do “outro”, um fenômeno que se faz presente à medida que refugiados e imigrantes econômicos se inserem nesse contexto de oposição rígida e hostilidade, advindos daqueles que os recebem (Hall, 2003; Pereira, 2016). Concentramos os esforços dessa pesquisa, portanto, em conhecer as experiências vivenciadas por refugiados e imigrantes, residentes na cidade de Uberlândia, a partir de suas narrativas e, a despeito das diferenças jurídicas entre refugiados e imigrantes, encontramos aspectos comuns em suas experiências que nos levam à noção de *outsiders*, aqueles que são desvalorizados e estigmatizados (Elias & Scotson, 2000).

A pesquisa apontou que os entrevistados buscam por melhorias sociais e econômicas em outro país, no entanto, os refugiados, além disso, clamam pela oportunidade de salvarem suas vidas, ao fugirem de seus países na busca por refúgio em outro. As motivações remetem à ideia da diáspora contemporânea, em que povos são dispersados de maneira forçada (Hall, 2003; Pereira, 2016), como é o caso de ambos os grupos apresentados, refugiados e imigrantes econômicos, que possuem questões relacionadas à própria sobrevivência, seja financeira ou relacionadas à própria vida, que independe de suas vontades e os forçou a migrar.

As dificuldades das trajetórias percorridas para chegar no Brasil e os desafios enfrentados devido ao ajustamento doloroso proveniente da chegada em outro território sinalizaram as dificuldades de adaptação em uma sociedade cujo tratamento recebido é hostil e excludente (Bauman, 2017; Ben-Rafael, 2013; Elias & Scotson, 2000; Volkan, 2018).

A rejeição e exclusão aos *outsiders* pôde ser percebida em várias situações narradas pelos entrevistados, fosse na dificuldade em transpor fronteiras, na maneira como os venezuelanos foram recebidos em Boa Vista, nas dificuldades apontadas pelo sírio em vir para o Brasil devido a alta quantia de dinheiro necessária para adentrar o país ou, até mesmo, nas dificuldades encontradas por imigrantes econômicos e refugiados para obter a documentação de permanência no país. Muitas vezes, não há um preconceito explícito, pois a hostilidade se traduz de formas distintas: o *outsider* se torna objeto de curiosidade dos estabelecidos, ao mesmo tempo que representa motivo de preocupação, desprezo e rejeição por se tratar de um “outro”. Todas as situações mencionadas evidenciam, em maior ou menor grau, exclusão dessas pessoas em uma sociedade já estabelecida (Elias & Scotson, 2000).

Os entrevistados vieram para o Brasil na esperança de obter melhores condições de vida, no entanto, não necessariamente encontram o que buscam, pois se tornam vítimas das relações de exclusão ainda existentes no âmbito do trabalho. Essa exclusão foi identificada nas narrativas em que aqueles, tidos como estabelecidos, exercem poder sobre aqueles tidos como inferiores, ou seja, aqueles entendidos como *outsiders* (Elias & Scotson, 2000).

Segundo as narrativas, os entrevistados se sentiram bem acolhidos, no entanto, a exploração e humilhação marcaram as experiências de trabalho. As narrativas exemplificaram diferentes formas de exploração sofridas no âmbito do trabalho, pois foram colocados em posições de inferiorização, sendo explorados por suas vulnerabilidades e expostos a situações precárias por seus superiores. O fato dessas pessoas estarem em um país diferente, em posição de fragilidade por possuírem profundo desconhecimento das leis e cultura locais, facilita que os empregadores perpetuem o ciclo de exclusão e hostilidade a que são submetidos por sua condição enquanto *outsiders*. Os entrevistados são vistos como mão de obra invisível, sendo sujeitados a jornadas extensas de trabalho, com acúmulo de funções, em posições que exigem baixa qualificação, sem o pagamento do salário devido ao final do mês e, em casos extremos, trabalham em condições análogas à escravidão. Situações que os deixam ainda mais fragilizados, já que desconhecem seus direitos, não sabem a quem recorrer e têm medo de perder o emprego e não encontrar outro (Mascarenhas et al., 2015).

A partir dos resultados obtidos, voltamos à indagação inicial desta pesquisa e entendemos que as experiências relatadas por imigrantes econômicos e refugiados da violência podem ser compreendidas como fenômeno da diáspora, uma vez que enfrentam situações de exclusão, inerentes à diáspora e advindas da migração forçada a qual foram submetidos, independentemente se para salvar suas vidas ou para buscar por sobrevivência em termos financeiros. Dessa forma, tanto refugiados da violência quanto imigrantes econômicos, ainda que os termos sejam distintos, possuem situações semelhantes quando em outro país, no sentido que ambos vieram em busca de melhores condições de vida, possuem vulnerabilidades semelhantes e, portanto, são explorados pelas mesmas condições contextuais. Os conceitos clássico e contemporâneo de diásporas não incluem refugiados da violência e imigrantes econômicos, pois são utilizados de forma abrangente, focalizando grupos antigos que foram dispersados, como os judeus e os negros escravizados. O termo é aqui utilizado de maneira mais ampla, neste caso, a diáspora contemporânea. Assim, a fim de fornecer um novo contorno conceitual, nesta pesquisa inserimos os refugiados da violência e imigrantes econômicos na compreensão das diásporas contemporâneas.

### Considerações Finais

Nesta pesquisa buscamos analisar as experiências de imigrantes econômicos e refugiados da violência na cidade de Uberlândia, enquanto um fenômeno diaspórico. Várias situações de exploração foram mencionadas pelos entrevistados, entre elas, as condições precárias de trabalho a que são submetidos, como: não recebimento de seus salários, trabalhos com acúmulo de funções sem receber a mais por isso, horas extras não pagas e, até mesmo, trabalhos em condições análogas à escravidão. Essas situações evidenciam a figura do imigrante como aquele utilizado como mão de obra barata.

As situações de exploração não ficaram limitadas aos refugiados ou aos imigrantes econômicos, pois ambos os grupos foram colocados em posições inferiores no âmbito do trabalho, revelando uma configuração de *outsiders* e estabelecidos. Isso em um país como o Brasil, colonizado e oprimido, que se coloca em posição de opressor ao receber *outsiders* em posição de fragilidade, que veem no país possibilidades para uma vida melhor.

A relação de poder e hostilidade entre estabelecidos e *outsiders* não está relacionada apenas a nativos e estrangeiros, mas a uma ideia mais ampla, de tal forma que pessoas da mesma nacionalidade possam estabelecer a mesma relação hostil, partindo daquela que se sinta como estabelecida em determinado local e conseqüentemente se sinta em posição superior à outra.

Ao compreender como as experiências construídas por refugiados da violência e imigrantes econômicos se configuram como um fenômeno da diáspora, os resultados encontrados trazem implicações práticas e teóricas. Quanto às primeiras, a pesquisa contribui para o conhecimento do contexto vivido por imigrantes econômicos e refugiados da violência como um fenômeno de exclusão e rejeição, estimulando os responsáveis por políticas públicas e organizacionais a implementarem maneiras que quebrem as fronteiras invisíveis e “construam pontes”, além de conter denúncia social em relação à exploração e às condições de trabalho precárias a que são submetidos. As contribuições teóricas se assentam no preenchimento de lacunas nos estudos sobre as relações de poder nas organizações, por ampliar a compreensão de um fenômeno contemporâneo, incluindo dois tipos de narrativas que são, de certa maneira, originadas de grupos com nomes diferentes, mas com experiências similares enquanto grupos diaspóricos. Adicionalmente, esta pesquisa discute uma temática pouco abordada no campo das organizações, que tem elementos universais e compartilhados em várias localidades do mundo, mas que representa elementos sensíveis e pouco discutidos.

As limitações iniciais da pesquisa, além daquelas próprias da pesquisa interpretativa, são em termos de pressupostos teóricos relativos aos fenômenos diaspóricos específicos, visto que essa literatura abarca movimentos mais amplos. Outra limitação refere-se ao fato de não ter sido possível ampliar o estudo a outras esferas, limitando-se aos participantes de uma determinada organização de acolhimento. Como pesquisas futuras, o campo poderá se beneficiar com estudos que busquem: (1) compreender os contextos sociais de refugiados e imigrantes econômicos enquanto grupos diaspóricos; (2) pesquisar o contexto das relações de trabalho de imigrantes econômicos e refugiados, com foco nos seus direitos de cidadãos; e (3) compreender a construção social que distingue refugiados e imigrantes econômicos.

Adicionalmente, sugerimos a realização de pesquisas que considerem as experiências de imigrantes no Brasil e em outros países que analisem, comparativamente, a exploração da força de trabalho imigrante, a invisibilidade na informalidade e precarização e a importância ou ausência de redes sociais de apoio e organizações no acolhimento e inserção laboral.

### Referências

Armbruster, H. (2008). ‘With hard work and determination you can make it here’: Narratives of identity among German immigrants in post-colonial Namibia. *Journal of Southern African Studies*, 34(3), 611-628. DOI: 10.1080/03057070802259852

- Banerjee, S. B., & Linstead, S. (2001). Globalization, multiculturalism and other fictions: Colonialism for the new millennium? *Organization*, 8(4), 683-722. DOI: 10.1177/135050840184006
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Zahar.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Zahar.
- Ben-Rafael, E. (2013). Diaspora. *Current Sociology Review*, 61(5-6), 842-861. DOI: 10.1177/0011392113480371
- Campbell, S. (2018). National identity among economic and non-economic immigrants. *Review of Economics of the Household*, 17(2), 411-438. DOI: 10.1007/s11150-018-9439-8
- Cláudio, A. L. A. (2009). Diásporas, transculturação e migrações contemporâneas: Um foco nas fotografias de Sebastião Salgado. In Sociedade Brasileira de Sociologia (Org.), *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. SBS.
- Constituição Federal do Brasil de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Senado Federal.
- Dalmônica, M. (21/05/2018). *Uberlândia é a 3ª cidade com maior número de imigrantes de Minas*. Link
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Zahar.
- Fleming, D. (2001). Narrative leadership: Using the power of stories. *Strategy & Leadership*, 29(4), 26-34. DOI: 10.1108/sl.2001.26129dab.002
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Franco, M. (03/03/2018). *Brasil tem 86 mil estrangeiros aguardando resposta sobre refúgio e 14 funcionários para avaliar pedidos*. Link
- Freitas, M. E., & Dantas, M. (2011). O estrangeiro e o novo grupo. *Revista de Administração de Empresas*, 51(6), 601-608. DOI: 10.1590/S0034-75902011000600008
- Gaskell, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 64-89). Vozes.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. UFMG.
- Juss, S. S. (2013). The post-colonial refugee, Dublin II, and the end of non-refoulement. *International Journal on Minority and Group Rights*, 20(2), 307-335. DOI: 10.1163/15718115-02002010
- Juss, S. S. (2015). Recognizing refugee status for victims of trafficking and the myth of progress. *Refugee Survey Quarterly*, 34(2), 107-123. DOI: 10.1093/rsq/hdv003
- Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Lei da Imigração. Link
- Linstead, S., Maréchal, G., & Griffin, R. W. (2014). Theorizing and researching the dark side of organization. *Organization Studies*, 35(2), 165-188. DOI: 10.1177/0170840613515402
- Loftsdóttir, K. (2019). 'Europe is finished': Migrants lives in Europe's capital at times of crisis. *Social Identities*, 25(2), 240-253. DOI: 10.1080/13504630.2017.1414594
- Mascarenhas, A. O., Dias, S. L. G., & Baptista, R. M. (2015). Elementos para discussão da escravidão contemporânea como prática de gestão. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 175-187. DOI: 10.1590/S0034-759020150207

- Mello, J. (17/09/2015). *Refugiados enfrentam barreiras para viver e trabalhar no Brasil*. Link
- Mendes, J. (24/04/2018). *Brasil se especializa no halal, uma técnica mulçumana sagrada de abate*. Link
- Parker, M. (2004). *Against management: Organization in the age of managerialism*. Polity Press.
- Pereira, R. R. (2016). Diáspora contemporânea: Um convite à reflexão numa perspectiva histórico-literária. *GrauZero – Revista de Critica Cultural*, 4(1), 71-89. Link
- Polkinghorne, D. E. (1995). Narrative configuration in qualitative analysis. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 8(1), 5-23. DOI: 10.1080/0951839950080103
- Phillips, N. W. (1997). Managing multiple identities: Discourse, legitimacy and resources in the UK refugee system. *Discourse and Organization*, 4, 159-185. DOI: 10.1177/135050849742002
- Reis, M. (2004). Theorizing diaspora: Perspectives on “classical” and “contemporary” diaspora. *International Migration*, 42(2), 41-60. DOI: 10.1111/j.0020-7985.2004.00280.x
- Rogaly, B., & Taylor, B. (2010). ‘They called them communists then... What d’you call ‘em now? .... Insurgents?’. Narratives of British military expatriates in the context of the new imperialism. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36 (8), 1335-1351. DOI: 10.1080/13691831003687741
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Record.
- Silva, V. P. (2017). *Trabalhadores imigrantes na cidade de Uberlândia/MG: Análise das políticas públicas brasileiras de trabalho e saúde no período de 2010 a 2016* [Tese Doutorado, Universidade Federal de São Paulo]. UFSP: Repositório Institucional. Link
- Simmel, G. (1983). *O estrangeiro*. Sociologia. Ática.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Volkan, V. D. (2018). *Immigrants and refugees: Trauma, perennial mourning, prejudice, and border psychology*. Routledge.

**Apoio:**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001*

**Como citar:**

Franqueiro, N. S., Oliveira, C. R., & Miranda, R. (2022). O Estrangeiro nas Diásporas Contemporâneas: Refugiados da Violência e Imigrantes Econômicos. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12283. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12283>

---

**Endereço para correspondência**

Nathália Santos Franqueiro  
E-mail: nathaliansf@hotmail.com

Cintia Rodrigues de Oliveira  
E-mail: cintia@ufu.br

Rodrigo Miranda  
E-mail: rodrigomiranda@ufu.br

**Recebido em:** 28/02/2021

**Revisado em:** 07/12/2021

**Aceito em:** 29/12/2021

**Publicado online:** 15/07/2022